

## A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS E VELHOS: A CUMPLICIDADE DO ENSINAR E APRENDER<sup>1</sup>

Laura Maria S. Mafra Lima<sup>2</sup>

**Resumo.** Este trabalho objetivou avaliar a participação de idosos na formação de jovens por meio de ações pedagógicas interativas, intermediadas por professores. A idéia foi identificar se as atividades desenvolvidas conjuntamente despertam nos jovens o interesse e o respeito pelos conhecimentos acumulados pelos mais velhos. Para o alcance de tal objetivo optou-se, em um primeiro momento, pelo conhecimento da percepção de professores e de alunos em torno da velhice e do envelhecimento, através de entrevista semi-estruturada. Em segundo lugar, e a partir desses resultados, estabeleceu-se encontros para discutir os diferentes temas identificados como problemáticos e ajudar na desconstrução dos preconceitos existentes entre esses segmentos a respeito da velhice, além de saber, na concepção dos mesmos, se é possível novas aprendizagens. Com base na pesquisa-ação, o terceiro momento constituiu-se de ações pedagógicas com envolvimento da comunidade escolar (alunos, professores, corpo administrativo) e idosos da comunidade do entorno da Escola Estadual John Kennedy, da cidade de Santa Cruz da Vitória-Bahia. Através dessas atividades foi possível

---

1 Este trabalho contou com a colaboração da Profa. Raimunda Silva d'Alencar

2 Assistente Social, Especialista em Gerontologia Social

estabelecer novos relacionamentos da escola com a comunidade, e conhecer melhor a comunidade a partir dos mais velhos.

**Palavras-chave:** aprendizagem, convivência intergeracional, velhice,

**Abstract:** This work aims to evaluate the participation of elderly people in the formation of young people through interactive pedagogic actions, intermediated by teachers. The idea was to identify if the activities developed conjunctly to arouse in the young people the interest and the respect by the knowledge accumulated by the older people. To reach this aim it was opted, at first, by the teachers' and students' knowledge perception about the old age and the aging through the semi-structured interview. In the second place, and starting from these results, it was established meetings to discuss the different themes identified like problematic and to help in the disconstruction of the prejudices existent among these segments about the oldness, besides knowing, in their own conception if it is possible new learnings. Based on this search-action, the third moment was constituted on pedagogic actions with the involvement of the school community (students, teachers, administrative corps) and elderly people of the community around the John Kennedy State School, in the city of Santa Cruz da Vitória, Bahia. Through these activities, was possible to establish new relationships between school and community and knowing better the community from the more elderly people.

**Keywords:** learning, companionship living, oldness.

## **INTRODUÇÃO**

A sociedade contemporânea encontra-se diante de uma situação contraditória: de um lado, defronta-se com o crescimento massivo da população de idosos, fruto do aumento da expectativa média de vida e, de outro, a omissão ou a adoção de atitudes preconceituosas em torno do velho e da velhice, desconsiderando as experiências e os conhecimentos acumulados e transmitidos por quem está nesta etapa da vida.

Estudos têm mostrado que não basta somente prolongar a vida, reafirmando a longevidade, se não forem disponibilizadas as condições para uma vida com qualidade, com participação, com autonomia e manutenção das relações intergeracionais. Se por um lado, pelo menos nos países em desenvolvimento se generaliza a prioridade à assistência materno-infantil e o atendimento à criança e a juventude; de outro lado não se entende sua omissão quando se sabe que a preocupação com a velhice e o processo de envelhecimento é tão antiga quanto a origem da civilização. Assim, nas sociedades mais simples, menos tecnificadas, os velhos eram venerados, eram respeitados e a eles os jovens confiavam negócios de grande importância social e econômica; o idoso era considerado patrimônio, não encargo.

Atualmente, as mudanças são visíveis em

relação a esses valores. Fruto da revolução industrial, dos avanços tecnológicos e da valorização excessiva do consumo, ganha importância a força da produção e do consumo, obviamente muito mais próxima dos jovens. Passa-se a julgar o ser humano pela sua capacidade de produzir e de consumir. Dentro dessa lógica, aquelas pessoas já afastadas do circuito da produção, alguns já com reduzida capacidade física (a que pode se associar uma ou mais doenças crônicas), não têm como enfrentar uma competição na qual as condições são desiguais.

O que se vê é a marginalização do velho e a perda de sua condição social, que se associam aos poucos rendimentos recebidos, fruto de uma aposentadoria irrisória. Este é o quadro atual da velhice em nossa sociedade; valores culturais sedimentados através dos anos qualificaram de modo relevante o potencial da juventude em detrimento da idade madura e da velhice, que acabaram interpretadas como um misto de improdutividade e decadência.

Todavia, procurando minimizar ou acabar com essa situação preconceituosa, tem sido de grande importância a busca de revalorização e resgate da experiência vivida pelos idosos como conteúdo complementar ao processo de aprendizagem, uma vez que se entende que o contato dos jovens com essas pessoas, sobretudo na escola, tende a favorecer a construção de novos valores, culturas e vivências.

É certo que “as estruturas sociais disponíveis, quer no nível da saúde, da moradia, do transporte, da educação, do lazer e, até mesmo da justiça, precisam acelerar o ritmo de adequação a essa nova realidade” (D’ALENCAR, 2002, p. 64). Embora com mudanças relevantes, haja vista o volume de ações educacionais colocadas em prática em vários cantos do País inserindo a pessoa idosa, observa-se que ainda há carências e vazios no setor educacional que precisam ser preenchidos, até porque há muito por fazer em termos da valorização do idoso e de redução dos preconceitos.

Essa situação imprime uma preocupação especial para esse segmento etário da população, que não teve, na fase pretérita de suas vidas, a oportunidade de freqüentar escolas, de formalizar um conhecimento escolar, até pela reduzida democratização do ensino quando ainda jovens. Diante disso, é necessária uma mudança na política educacional, onde a história e o conhecimento não sejam entendidos e construídos apenas através dos conteúdos acadêmicos, mas se acredite em um trabalho onde sejam incluídas as histórias de vida de pessoas da comunidade onde a escola está inserida e os saberes construídos a partir dessas experiências vividas sejam por todos compartilhados. Como afirma ainda essa autora,

Trata-se de compreender que o idoso é um sujeito plural, portador de razão, sensibilidade, sentimentos, emoções, expectativas, fantasias, desejos, habilidades para resolver problemas. São sujeitos que processam experiências múltiplas, até porque vivenciam um tempo que registra o pretérito, o presente e possibilidades de futuro.... (D'ALENCAR, 2002, p. 72).

Além disso, e para responder às múltiplas demandas a que vem sendo desafiada a dar conta, a educação precisa organizar-se em torno de quatro aprendizagens, que deverão acompanhar cada indivíduo ao longo da vida. Essas aprendizagens, de acordo com Delors (2000, p. 90), correspondem aos pilares do conhecimento e dizem respeito a: 1) aprender a conhecer; 2) aprender a fazer; 3) aprender a viver juntos e 4) aprender a ser. Ora, essas bases para o conhecimento vão bem além da distinção tradicional entre a educação para iniciantes e a educação para adultos. Esse “modelo” responde ao desafio de um mundo em rápida transformação, mas que exige cada vez mais uma melhor compreensão do outro e do mundo; responde à necessidade de que é possível con-viver, viver juntos, independente da idade, da cor, da religião, da preferência sexual.

Um dos maiores desafios para a educação é, sem dúvida, aprender/ensinar a viver juntos. Isto significa que a educação deve “le-

var as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta” (DELORS, 2000, p.97). Descobrir o outro, descobrindo-se a si mesmo, pode ser uma maneira saudável de desenvolver uma visão mais ajustada do mundo e do outro. O desenvolvimento de uma atitude de empatia, na escola, afirma Delors, é “muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida”, ensinando, por exemplo, aos jovens, a adotar a perspectiva de outros grupos, sejam eles de idade, étnicos ou religiosos, podendo, inclusive, evitar incompreensões geradoras de preconceito, de ódio e de violência.

Nesse sentido, a convivência intergeracional, em que idosos e jovens possam se solidarizar através do diálogo e da troca de experiências, é um dos instrumentos importantes à educação, capaz de favorecer a tolerância, e capacidade de viver juntos. Sobre isso, Oliveira (1999, p. 277) afirma que co-educar “supõe, da parte dos que estão envolvidos, uma predisposição para aceitar as peculiaridades que a diversidade de tempos imprime na formação de cada qual”.

Sob essa ótica, percebe-se a escola como um espaço de comunhão, de entendimento e de encontros, tornando-se um local onde jovem e idoso também podem ser construtores - aprendizes e ensinantes -, e não apenas beneficiários dela. Uma das missões que

a escola pode incorporar junto à comunidade de pertencimento é levar essa comunidade a tomar consciência das semelhanças e das diferenças mas, acima de tudo, da interdependência entre as pessoas. Idoso e jovem precisam ser estimulados nessa convivência, o que significa que cabe à educação estabelecer um novo olhar para a relação idoso, comunidade educativa e sociedade em geral. Não se tem dúvidas de que a convivência intergeracional poderá render melhorias substanciais nas condições individuais, com reflexos importantes nas convivências grupais (a exemplo da família), e com possibilidades de interferência positiva nas relações sociais. Convivências e experiências acumuladas durante muitos anos, levam o indivíduo a reflexões que possibilitam a conquista de formas mais elevadas do convívio humano. Quando o indivíduo chega à maturidade e caminha para a velhice, sem dúvida alguma ele é possuidor de um rico cabedal de conhecimentos práticos e de experiências de vida que podem proporcionar ao seu grupo de pertencimento um estar junto mais equilibrado e saudável.

Assim, descobrir que existem outros no entorno da escola, e que esses outros podem participar de projetos comuns desenvolvidos nesse espaço podem significar maneiras eficazes para evitar preconceitos e diminuir conflitos. Transferir, a partir do diálogo e da convivência, essa experiência é, sem dúvida



alguma, uma oportunidade para a educação recolocar a socialização das novas gerações em patamares que não restrinjam os relacionamentos interpessoais.

De acordo com Bosi (1994, p. 18), é importante valorizarmos os velhos “porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”. A autora afirma ainda que:

Na memória das pessoas idosas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais do que a uma pessoa de idade”. (BOSI, 1994, p. 60)

Buscando conhecer as vivências intergeracionais na realidade de Santa Cruz da Vitória, cidade localizada ao sul da Bahia<sup>3</sup>, de

---

3 Com uma população de pouco mais de sete mil habitantes e, a exemplo de outras cidades brasileiras, sem qualquer preparo infra-estrutural para o aumento de população idosa, hoje em torno de 10%.

como jovens e professores da rede municipal de ensino compreendem a velhice e convivem com o idoso do município e de como é possível ao idoso participar na formação desse jovem, este trabalho toma como base a pesquisa qualitativa, com entrevistas estruturadas, e ações de intervenção direta em atividades pedagógicas com a participação de alunos do primeiro ano do ensino médio, nove idosos da comunidade, convidados a participar de atividades pedagógicas vinculadas a diferentes disciplinas, e os professores. Esta pesquisa, portanto, teve pelo menos três momentos substanciais, e envolveu diferentes segmentos.

No primeiro momento foi feita uma pesquisa exploratória junto a 15 (quinze) professores de diferentes disciplinas, atuantes na Escola Estadual John Kennedy, único estabelecimento de ensino médio do município. Esta pesquisa, particularmente realizada com a aplicação de um questionário, teve o objetivo básico de identificar as concepções dos professores a respeito da velhice, o significado construído em torno das possibilidades da aprendizagem intergeracional e a expectativa que têm em relação à própria velhice. Trata-se de professores das disciplinas: Relações Interpessoais, Matemática, Artes, Geografia, Educação Física, Língua Portuguesa e História.

Ao analisar os dados deste primeiro momento da pesquisa feita junto aos professores, foi possível perceber alguns mitos e preconcei-

tos presentes nos seus discursos. Além de não perceberem no idoso qualquer relação com o processo ensino-aprendizagem, ficou evidenciado que esta fase da vida é apenas para descanso e colheita de frutos. Os idosos não são vistos com possibilidades quaisquer para ensinar, tampouco para aprender.

Isto configurou a necessidade de avançar para uma discussão em torno de questões que dessem conta da velhice individual e social, e dos processos do envelhecimento, para além da biologia e dos preconceitos. Esta decisão caracterizou o segundo momento da pesquisa, que também incluiu uma atividade com os alunos para saber o que conheciam sobre velhice. O resultado não diferiu muito da visão dos professores. Cerca de cinco encontros foram realizados na Escola Estadual John Kennedy com esses professores, não só para discutir as respostas e as concepções construídas em torno da velhice, do significado das convivências e da expectativa que criam em torno da própria velhice, mas avançar em proposta de intervenção que levasse a uma compreensão mais ampla da educação e do processo ensino-aprendizagem.

A partir dessas discussões, foi possível avançar para o terceiro momento, o de construção de uma proposta pedagógica desenvolvida pelos próprios professores, visando avaliar a contribuição dos idosos na formação dos jovens. Através de ações pedagógicas

desenvolvidas conjuntamente entre idosos e jovens, em disciplinas como matemática, geografia, educação artística, história e relações interpessoais, a idéia foi identificar até que ponto essas atividades despertariam nos jovens o interesse e o respeito pelos conhecimentos traduzidos pelos idosos.

Para isso, a proposta incluiu pessoas idosas da comunidade, alunos e professores. A proposta foi elaborada, discutida, divulgada, havendo mobilização dos alunos e a inclusão de todo o corpo funcional da Escola (equipe da administração e de apoio), além do envolvimento de profissionais do Programa de Saúde da Família vinculado à Secretaria de Saúde do Município. Neste momento, também foi feito um levantamento das condições físicas do espaço da escola, além da infra-estrutura material e humana disponível para as necessidades da proposta.

Dessa proposta de ação interventiva constaram: oficinas, entrevistas feitas pelos alunos, recital, e apresentações de música, teatro, poesia, contação de história, levantamento de dados estatísticos sobre a população do município por faixa etária, discussão sobre a cobertura espacial do Programa de Saúde da Família, incluindo a zona rural, e o acesso da população idosa aos serviços de saúde, além dos direitos do idoso. As oficinas foram desenvolvidas na disciplina Educação Artística. Em História e Relações Interpesso-

ais discutiu-se Relações Familiares e Política. Nove idosos participaram com os jovens de todas as atividades, organizando oficinas, sendo instrutor, palestrante e entrevistado.

Neste sentido, este trabalho questiona de alguma forma a educação que se pratica no município e realça a necessidade de uma educação que se desenvolva num processo em que seja possível influenciar e ser influenciado, aprender e ensinar, manter e transformar, pois esse movimento deve constituir uma referência para a vida futura dos alunos, uma preocupação com a melhoria da qualidade de vida das pessoas, incluindo o idoso, além do enriquecimento das relações professor-aluno-comunidade-idoso-escola. Projetos desenvolvidos com a participação conjunta desses segmentos têm papel central no desenvolvimento dos indivíduos e das culturas, promovendo assim a criação de uma nova sensibilidade social em relação aos idosos, à solidariedade entre as gerações, e a vida social como um todo.

O texto apresenta, nos capítulos seguintes, a perspectiva de um novo olhar sobre a terceira idade, bem como reflexões em torno das possibilidades que se abrem quando as oportunidades de convivência intergeracional são criadas.

## **2. UM NOVO OLHAR SOBRE O ENVELHECIMENTO**

A tendência a um natural afastamento de gerações tem se intensificado nas últimas décadas em função da rápida mudança de valores sociais e transformações tecnológicas que dificultam a comunicação e a identidade entre jovens e velhos. Na convivência com idosos, é comum a “falta de assunto”, favorecida muitas vezes pela mobilidade sócio-cultural que distancia os mais jovens de seus ascendentes, bem como os conflitos e a intolerância, de parte a parte, cujas repercussões tendem a privá-los do potencial de crescimento mútuo e gratificação das relações intergeracionais.

É de Fogaça (2004) a idéia de que, embora sejam relativamente claras as distinções conceituais entre envelhecimento, velho e velhice, devidamente contextualizadas por dimensões espaço-temporais, não é nada fácil discriminar essas distinções na literatura gerontológica. Produtos sociais como, por exemplo, a literatura, os programas de lazer ou de propaganda na mídia, as produções de humor e os cartões de aniversário devem ser considerados como reflexos e determinantes de atitudes em relação ao velho, à velhice e ao envelhecimento. Ainda na visão dessa autora, os estereótipos e classificações pouco reveladoras da real condição do velho muito contribuem para o aumento do preconceito em relação à velhice. Infelizmente, a cultura considerada por mui-

tos como pós-moderna ainda repete os mesmos preconceitos e estereótipos em relação à velhice e à pessoa idosa, reduz-lhe a credibilidade e capacidade, e realça tudo de bom para o jovem e o ruim só para o velho.

A visibilidade social das questões do envelhecimento é um convite à reflexão e revisão de atitudes que reproduzem estigmas, e de desenvolvimento de olhares que considerem o velho enquanto sujeito que tem uma história pessoal, uma vivência de trabalho e relações sociais, gostos, habilidades e interesses.

As universidades, faculdades, grupos de terceira idade parecem sugerir respostas que se colocam para iniciar a alteração do panorama negativo ainda reservado ao velho. É importante que este interesse não se restrinja a alguns poucos grupos, mas que a sociedade esteja empenhada na busca de uma efetiva alteração nas relações e atitudes para com esse sujeito, de modo a melhorar o nível de interação, de respeito, e influenciem a sua qualidade de vida, condição imprescindível para a longevidade.

### **3. DISCUTINDO A APRENDIZAGEM INTERGERACIONAL**

Retomando aqui os quatro pilares (DELORS, 2000, p. 90) sobre os quais devem assentar a educação e o conhecimento (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e

aprender a ser), importantes pela convergência que oferecem, é possível destacar o terceiro desses pilares: *aprender a viver juntos*.

Embora possamos reconhecer que a educação não é a responsável pela intolerância e violência dominante hoje nas relações sociais de um modo geral, não se pode subestimar o seu papel no modo como as sociedades transmitem e constroem valores, crenças, percepções e representações em torno de múltiplos aspectos da vida. Para Tiana (2002, p.121-138), viver juntos implica uma série de necessidades, dentre as quais: desenvolvimento da cidadania, conhecimentos, cooperação e intercâmbio.

No caso dos jovens e idosos, essa convivência foi se distanciando na medida em que a modernidade e a tecnologia foram dominando os espaços domésticos, substituindo os avós e até os pais, que passaram a ficar a maior parte do tempo fora desse espaço, trabalhando.

O processo de aprendizagem com segmentos de qualquer idade deve estar voltado, sobretudo, às reflexões em torno do ambiente concreto desses diferentes segmentos, das vivências cotidianas, da realidade mais próxima de cada um (D'ALENCAR, 2002, p. 75). De acordo com essa autora,

essas reflexões conjuntas aumentam o nível da consciência dos problemas que afetam o coletivo... A aprendizagem deve situar-se diretamente a partir da experi-



ência, pois "*nenhuma necessidade é mais humana do que a de perceber o significado da própria experiência* .

O processo de aprendizagem se coloca de modo que o indivíduo se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece. Para esta atividade faz-se necessário a interação com outros indivíduos. Esta aprendizagem procederá do social para o individual e vice-versa, através de sucessivos estágios de internalização, com o auxílio de pessoas experientes. Uma pessoa que viveu mais, passou por experiências que um jovem ainda não alcançou, traz uma série de conhecimentos que vêm sob o nome de experiência acumulada. É neste sentido que a educação deve estar vinculada à realidade da sucessão, da continuidade do ser humano e da renovação das gerações, e ainda à questão das relações que gerações diferentes podem cultivar entre si. Está evidenciado que as transições entre gerações pressupõem ou suscitam processos específicos de transmissão, de manutenção das culturas, de socialização e formação, de ensino e aprendizagem. Mas pressupõe vida partilhada, coexistência, como quer Oliveira (1999, p.26), para quem:

Uma co-educação é algo que se constrói na história como fazer-se ou seja, supõe gerações em movimento. No *fazer-se*, a

geração além de ser vista como depositário de uma época, e por tanto banhada por um tempo datado historicamente, pode igualmente ser percebida como modeladora de marcas de sua passagem no tempo e no espaço. Tais marcas estariam impressas na cultura material e simbólica, que comporia, vamos dizer assim, o conjunto de oferendas de gerações, umas às outras. Como se trata de um movimento, de algo que está se desdobrando, são legados que se renovam; além do que, não é apenas uma geração que dá algo de si enquanto a outra, passivamente, fica sendo receptora inerte das dádivas. Um convívio de gerações, nesta perspectiva, não comporta linearidade e, portanto, não se resume na passagem de sabedoria dos velhos para as crianças. Estas, mesmo que nem sequer o saibam, também podem transmitir às gerações mais velhas.

Partindo deste pensamento, é possível perceber que o processo de aprendizagem intergeracional é mútuo, sendo válido para todos os que estão envolvidos. Deste modo, os idosos têm importante e valioso papel para a sociedade, não só pelo que já viveram, por sua experiência de vida, mas pelas contribuições que ainda podem oferecer. O potencial sócio-cultural dos idosos, embora existam as situações conflitantes das gerações, muito tem a contribuir com o crescimento e desenvolvimento dos que ainda não alcançaram esta fase da vida e que é caracterizada por uma progressiva redefinição da identidade social. Da mesma

forma, os jovens têm muito a contribuir com os idosos, na medida em que podem colocar, sob novas bases, velhas questões.

Por conta disso, as atividades desenvolvidas nesta pesquisa, envolveram os jovens estudantes e os idosos previamente selecionados pelos professores e alunos. Uma das atividades foi a Oficina *Eu, campeão da vida*, que tinha como empreendimento um Recital, em homenagem ao Dia do Idoso .

A idéia, ao selecionar essas atividades, era aproveitar a experiência e a vontade dos idosos para construir conhecimentos e socializar fatos com as gerações mais novas pois "nenhum ser humano se humaniza sozinho" (OLIVEIRA, 1999, p. 46). Visualizando a atual realidade demográfica do País, que é marcada pelas transformações que o perfil etário da população brasileira vem sofrendo nas últimas décadas, numa transição de país jovem para país maduro, pode-se perceber a necessidade do idoso na vida da comunidade.

Assim, depois de levantar o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema "idosos" e constatar o amplo desconhecimento e reprodução de alguns preconceitos, sugerimos a realização de um estudo sobre essas pessoas. Na aula de matemática, por exemplo, os alunos verificaram estatísticas sobre mortalidade e faixa etária. Eles observaram que a situação dos idosos em Santa Cruz da Vitória não foge às projeções mundiais, nacionais e

regionais. Dados do IBGE (2000) dão conta de que o percentual de idosos em Santa Cruz da Vitória, está em torno de 10,5%, índice considerado elevado em relação a muitos outros municípios brasileiros, e até mesmo em relação à média da população brasileira.

Na disciplina Geografia, foi discutida a cobertura do Programa Saúde da Família para 100% da população, contemplando inclusive a zona rural. Segundo dados do Sistema de Informação da Atenção Básica (2004), fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, são oferecidos à comunidade procedimentos de atenção básica, no nível primário e secundário; procedimentos especializados como patologia clínica, ginecologia, ultra-sonografia e procedimentos de alta complexidade são pactuados com outros centros urbanos, a exemplo da cidade de Itabuna. O idoso tem acesso aos serviços de saúde via Unidade Básica de Saúde (UBS), com atendimento preferencial, informações amplamente desconhecidas da população local.

Discutiu-se ainda sobre ações do Conselho Municipal de Saúde, que é composto por dez representantes de organizações locais com respectivos suplentes: representantes da Sociedade Civil: Igreja Católica, Igreja Evangélica, Associações, Sindicato dos Trabalhadores, Pastoral da Criança; Representantes do Governo: Agente Comunitário da Saúde, Profissional da Saúde, Secretaria Municipal da Saúde, Secretaria da Educação, Secretaria da Ação Social; esse

Conselho se reúne uma vez por mês. Todas estas informações foram apresentadas por uma Enfermeira do PSF (Programa de Saúde da Família), que por três vezes esteve na sala-de-aula dialogando com os alunos e a professora. Nessa mesma disciplina, os alunos também viram alguns tópicos do direito dos idosos. Muitos desconheciam completamente essas informações a respeito do próprio município e dos serviços que mantém.

Em Educação Artística trabalharam arte com argila. Durante duas semanas, a Sr<sup>a</sup>. MC (65 anos) freqüentou as aulas de artes. Essa idosa foi escolhida pela professora da disciplina, que já a conhecia como artesã. Trata-se de pessoa comunicativa e popular na cidade. A sua participação junto aos jovens e professores despertou naqueles o interesse por conhecer um pouco mais da sua história, antes da aula de Artesanato. A idosa atendeu ao interesse expresso, e trouxe um pouco da sua rica história de vida. Identificou-se, disse onde nasceu e mostrou um controle e equilíbrio de memória sobre o seu passado de modo interessante, sem se sentir constrangida. Falou de trabalho, de sua infância, da sua grande família (12 irmãos), das condições de vida da sua família trabalhadora. Falou sobre o papel da mulher, que não apenas se responsabilizava pelo cuidado do lar e da reprodução da família, mas também do trabalho que agregava valor: *Nesta época, minha mãe costurava para as famí-*

*lias dos trabalhadores e nós, sete filhas, sempre ajudava ela, tanto nas costuras como nos trabalhos de casa, cuidando também da criação de porco e galinha.*

Relembrou a juventude e as relações afetivas com os primeiros namorados: *Quando eu já estava com quinze anos, arranjei meu primeiro namorado. Foi engraçado porque ele era 'estudado', como se chamava na época as pessoas que iam a escola. Era filho de um pequeno fazendeiro e morava com uns tios em Feira de Santana, onde estudava, vindo passar as férias na fazenda com a família. Meu pai, homem severo, disse logo que aquilo não era homem de casar pois era homem de mão fina e não ia dar conta de família. Mesmo assim ainda namoramos por duas épocas de férias, com a ajuda de minha mãe, que escondia do meu pai minhas saídas, para ir encontrar com o amado. Mas devido a distância, a diferença de pensamento, deixamos o namoro pra lá, nem sequer chegamos a terminar, só não procuramos mais um ao outro.*

A preocupação com a sobrevivência e o zelo pela família levava o homem a intervir nos relacionamentos, às vezes associando amor com posses, com patrimônio. Diz ela: *Com dezoito anos, conheci um rapaz moreno, alto, muito bonito, gerente de uma fazenda de gado, morador no 'comércio' onde meu pai fazia as compras para sustentar a família e foi amor na hora. Com seis meses de namo-*

*ro já estava casada, com o consentimento do meu pai, que dizia que aquele sim era homem para casar com sua filha. Vivemos juntos por dez anos. Com o tempo ele foi ficando farrista, bebendo muito, chegando em casa embriagado e bruto comigo e com as crianças, até que um dia não agüentei mais e mandei ele ir embora. Fiquei com os seis filhos, sendo os dois últimos um casal de gêmeos, hoje com vinte e dois anos. Depois que me separei, fiquei com os filhos sem nenhuma ajuda dele. Passei muito sofrimento, mas consegui criar todos com respeito e dar estudo. Os dois mais velhos, um homem e uma mulher, estudaram só até a 5ª série e foram trabalhar em São Paulo. Até hoje eles me ajudam.*

A rica experiência dessa idosa coloca para todos uma situação muito interessante e paradoxal. De um lado porque o envelhecimento, como afirmam diferentes estudiosos, é um processo de perdas em relação a muitos aspectos da vida. De outro lado porque, como demonstrou a idosa no seu relato de vida, é possível haver conservação de competências e habilidades. Como afirma Von Simson & Giglio (2001, p. 143) "a acumulação de experiências permite a alguns idosos até mesmo alcançar elevado grau de especialização e domínio nos mais diversos campos das atividades humanas".

O que é significativo é que a informação só ganha relevância quando alguém lhe atribui um significado em relação a determina-

do contexto e grupo. Para a idosa do relato acima, as experiências de trabalho quando criança, o tamanho da família, as condições de vida, as relações e estratégias de sobrevivência, só fazem sentido quando o meio social se interessa por elas ou as acolhe.

Questionada por uma jovem sobre como conseguiu criar os filhos sem a ajuda do marido e sem emprego, a idosa respondeu: - *Ah, minha filha, Deus dá o frio conforme o cobertor. No começo uma irmã minha que tinha uma fazendinha me ajudou mandando sempre umas coisas de comida e algumas frutas da roça. Mas aquilo me incomodava porque faltava outras coisas e eu queria ser independente e não ficar devendo favor a cunhado, porque ele tinha os filhos dele pra criar e não tinha obrigação de ficar bancando meus filhos.*

Sob condições físicas perfeitas, não cabia receber ajuda de quem também era necessitado. Para a idosa, receber ajuda, quando podia trabalhar, era humilhante: *Eu estava ficando humilhada.* Isto foi suficiente para a busca de alternativas de sobrevivência, juntamente com os filhos: *comecei então a fabricar, com ajuda dos meus filhos maiores, panela, moringa (para botar água) e pote de barro para vender.*

Como as populações de baixa renda usavam panela de barro e fogão de lenha, as encomendas não faltavam. - *Eu tinha que trabalhar muito, mas gostava do que fazia porque passei a me sentir dona do meu nariz. O mais*



*difícil era para 'queimar' as peças porque levava mais tempo e tem que ter um forno e lenha, aumentando o trabalho. Mas foi assim que criei e dei comida, roupa e estudo pros meus filhos: com trabalho e ajuda deles.* As dificuldades assinaladas por essa idosa dão conta das dificuldades vividas pelas famílias de classes populares, bem como do papel das mulheres trabalhadoras que chefiam famílias.

No primeiro dia de aula, a atividade girou em torno da história de vida da Sr<sup>a</sup>. MC. Segundo Arroyo (2000, p. 109), "um dos traços centrais, perenes do ofício de mestre, é manter a memória coletiva acesa, não compactuar com os silêncios, ou não silenciar a história às novas gerações". Analisando esse pressuposto e a realidade da escola, onde o segmento idoso é excluído de qualquer possibilidade de expressão e manifestação, fica difícil para o jovem incluí-lo no seu universo de interação, daí a necessidade de se criar oportunidades para vivências intergeracionais. Nos dias seguintes, a artesã ensinou a técnica de modelar e criar com argila para os alunos, fabricando conjuntamente pequenas peças que, posteriormente, foram para a exposição da escola.

Na disciplina de História e Relações Interpessoais o grupo convidou outro idoso, o Sr. J..., 79 anos. Ex-prefeito do município de Santa Cruz da Vitória, previamente foi-lhe entregue um *paper* contendo algumas perguntas que ele deveria responder aos alunos,

em especial sobre fatos políticos do município, mas também sobre família e política. Essas questões foram construídas pelos próprios alunos, na aula de História.

A docente responsável pelas duas disciplinas juntamente com os alunos, conduziu a entrevista. Como a origem do entrevistado é de outro Estado (Sergipe), os alunos tiveram a curiosidade de saber o que o motivou a morar em Santa Cruz da Vitória. - ... *Em 1955 houve uma grande seca e todos comerciantes tiveram prejuízo. Mas como todo nordestino, tivemos fé em Deus e ficamos esperando que o ano de 56 fosse melhor. Mas que nada! Foi uma seca ainda maior. Ninguém vendia nada. O povo passava fome. Todo dia se via os caminhões saindo cheio de gente retirante indo para São Paulo ou outros vindo para o sul da Bahia, que era lá chamado de 'as matas' e de onde se contavam bastante vantagem. Eu e meu irmão chegamos a conclusão que não dava mais pra ficar por lá pois ninguém comprava nada. Conversamos então com nosso pai e resolvemos fechar o comércio e vir arriscar a vida aqui nesta cidade. Em janeiro de 57 eu vim num pau de arara, trazendo minha mulher grávida de quatro meses, um filho de um ano e meio e de bagagem trazia apenas uma cama de casal, uma mala e um berço de meu filho. Ainda hoje, conservamos esta cama e a mala.*

Procurando recuperar a memória, o idoso falou do seu primeiro trabalho: *Meu primei-*

*ro trabalho aqui foi de marceneiro, mas não tinha costume e não agüentei. Adoecei com o pó da madeira. Resolvi então ser mascate, vendendo cortes de pano nas feiras, aqui e nas vizinhanças, e também nas fazendas, por perto. Mais tarde, uns dois anos depois, com a ajuda de meu tio e de um primo abri uma pequena loja onde vendia tecidos (retalhos).*

Além da sua influência e sentimento de homem bem sucedido no comércio, o idoso falou da sua influência em espaços da política. - *Eu fiquei com minha loja por alguns anos, mas quando fui ser vice-prefeito, viajava bastante, pois era o companheiro do senhor Zé Guedes, que era prefeito, e não podia tomar conta tendo que fechar. No final do mandato do senhor José Guedes ele me apresentou como candidato a Prefeito e graças a Deus e ao apoio do povo bom desta terra fui eleito e assumi o cargo por seis anos, onde procurei trabalhar sempre com garra pelo progresso de nossa cidade.*

Nas disciplinas de Língua Portuguesa e Relações Interpessoais foi planejado e organizado um Recital, como parte da oficina “Eu: campeão da Vida” a ser apresentado por todos os envolvidos na pesquisa e à comunidade escolar, como homenagem da escola aos idosos, no dia a eles dedicado: 27 de setembro. Nesse empreendimento da oficina, os alunos foram divididos em quatro grupos. Cada grupo contou com dois idosos da comunidade colabo-

rando na organização das apresentações: de Música, de Teatro, de Poesia, de Contação de história. Vale ressaltar que as pessoas idosas foram escolhidas pelos alunos e professores, de acordo com habilidades conhecida pela comunidade. Por se tratar de uma cidade pequena, onde todos se conhecem, foi fácil a seleção. Assim, além de conhecer o perfil do idoso em relação à habilidades, também se conhecia parte da história de vida dele.

A confiança e a sinceridade com que as pessoas idosas iam conduzindo as situações de aprendizagem, despertaram a atenção dos alunos. Durante os encontros, no período das aulas, muitas memórias foram registradas. Gradualmente as pessoas vão se mostrando, se permitindo conhecer, e possibilitando à comunidade a valorização de aspectos ainda ignorados pela própria comunidade.

No grupo que trabalhou com música, entre som e canção, os assuntos variaram. O tema da família, por exemplo, foi considerado pela Senhora A ... (60 anos), com certa angústia, colocando em evidência, a partir de sua experiência, o papel da família na vida dos idosos, em especial. - *Sumiu tudo. Uma ruma de ingrato. Só gostava de mim quando eu servia pra cozinhar, cuidar deles e fazer roupa de tricô para esquentar no inverno. Agora, que estou nessa cadeira, cadê? Não aparece ninguém. Até meu fio só vem de vez em quando. Os netos? Nenhum nunca veio aqui me vê.*

A Senhora A (60 anos), é diabética e teve que amputar as duas pernas. Mas apesar do sofrimento, da mutilação e do ressentimento que expressa em relação aos familiares, mantém uma boa convivência com as outras pessoas que moram no Centro de Convivência mantido pela Prefeitura, e com os funcionários. Quando foi convidada para cantar com os alunos, reagiu com muita alegria.

Muito interessante foi a participação de um grupo de cinco idosas, sob a liderança da Sr<sup>a</sup>. J., que no Recital cantaram e coreografaram a música “Ciranda da Rosa Vermelha”. Chama atenção o prazer e o envolvimento dos idosos participantes em todos os eventos realizados. No grupo de teatro, a participação da Sr<sup>a</sup> M, de 70 anos, foi surpreendente. Além de gostar dessa arte, ela chegou a montar um grupo de teatro na cidade, envolvendo jovens e pessoas de meia idade, em fase pretérita de sua vida. Na primeira reunião com os alunos, esta idosa sugeriu que eles representassem a peça “O velho e seu neto”, história que ela mesma contou aos jovens: - *Era uma vez um velho muito velho, quase não enxergava e ouvia, andava com os joelhos tremendo. Aí, quando se sentava à mesa para comer derramava a sopa, pois a sua mão tremia muito, muito. Seu filho e sua nora achavam aquilo horroroso, chegavam a ter nojo! Aí, colocaram o velho para comer num canto atrás do fogão e ...imaginem: numa tigela de barro. O velho olhava para a mesa com os*

*olhos compridos, cheio de lágrimas. Um dia ele quebrou a tigela. Ganhou uma bronca da nora, que logo lhe deu uma gamela de madeira bem baratinha. Ah! Nada como um dia atrás do outro! O neto estava brincando com uns pedaços de pau. O pai perguntou o que ele estava fazendo. A resposta veio: Um cocho, para papai e mamãe poderem comer quando eu crescer. O marido e a mulher caíram no choro. Depois disso, trouxeram o avô de volta à mesa e passaram a viver em união.*

Os alunos aceitaram fazer a encenação dessa história, que também fez parte das apresentações no Recital. Pesquisando sobre a história, descobriram tratar-se de um conto dos Irmãos Grimm, citado em “O livro das virtudes”.

A docente responsável pela disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, solicitou ao grupo que trabalhou com poesia, para pesquisar sobre a autora Cora Coralina, cuja pesquisa foi dirigida pela Sr<sup>a</sup>. C., de 79 anos. Além de conhecerem sobre Cora Coralina, sobre sua biografia e seu prazer de escrever, escolheram uma de suas poesias "Eu sou aquela mulher" para apresentação no recital, que foi feita pela dupla P..., de 18 anos, e J..., de 70 anos. - *Eu sou aquela mulher a quem o tempo ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista. Creio na*

*força imanente que vai gerando a família humana, numa corrente luminosa de fraternidade universal. Creio na solidariedade humana, na superação dos erros e angústias do presente. Aprendi que vale mais lutar do que recolher tudo fácil. Antes acreditar do que duvidar.*

O Sr. E., de 73 anos, também fez parte desse grupo. Além de recitar poesias de sua autoria, ele também contou sua história de vida, falando de sua origem, sua família, sua aposentadoria e de seu passa-tempo preferido – fazer poesias, prazer que divide com o cunhado, seu parceiro nas construções poéticas. A curiosidade dos alunos sobre sua fonte de inspiração foi satisfeita com a resposta *nas graças de Deus e no prazer de viver*. Sobre as possíveis dificuldades em fazer as rimas e criar os poemas, a sua resposta foi lacônica: *tudo que se faz por prazer e por amor é agradável*. Indagado sobre a descoberta do dom de fazer poesias, ele respondeu: - *Quando eu era criança, gostava muito de ir para casa de um tio que morava num sítio, na mesma cidade, para ouvir as histórias de cordel que ele colecionava e tinha o maior prazer em ler para as pessoas da casa e alguns vizinhos que vinham ouvi-lo, o que me deixava boquiaberto, pois à medida que ele ia contando a história ia também dramatizando-a. Aquilo para mim era um verdadeiro show*.

O Sr. J (79 anos), fez parte do grupo de contação de história. Sua habilidade de con-

tador de histórias é reconhecida em toda a comunidade. Quando questionado sobre sua família, respondeu: - *Nóis lidava o tempo todo na roça, trabaivava igual animá. Escola era luxo pros filho do patrão. Eu tinha tanta vontade de ler os escrito da Bíblia! Mas fazer o quê? Tinha de trabaia pra ajuda meu pai e dispois pra cria meus filho: foi nove qui Deus me deu. Hoje esses menino tudo de mão lisa, não conhece a foice e não quer estudá. Eles in-feza, não quer conselho, mas eu falo todo dia pra eles pensá na vida e aproveitar bem essas coisas de hoje em dia. Aí eu aproveito e conto uns causos pra eles.*

No Recital, houve espaço para murais sobre o papel do idoso na sociedade, sobre os conflitos intergeracionais e o entendimento da terceira idade como portadora de necessidades específicas. Esses murais foram construídos pelos segmentos da sociedade que acompanham o idoso na prestação de serviço: Agentes Comunitários de Saúde e pessoal de apoio do Centro de Convivência, com a colaboração das enfermeiras das equipes do PSF (Programa de Saúde da Família). Foram expostos trabalhos confeccionados pelos idosos e jovens: peças em argila, trabalhos com retalhos, arte com material reciclado, pintura em cerâmica. Durante uma semana ficaram à disposição na escola para visita de todos os alunos e pessoas da comunidade.

Os alunos também apresentaram duas co-



reografias alusivas ao idoso. O Sr. E... recitou de improviso uma poesia em homenagem ao evento. No final, foi realizado uma dinâmica, pela professora de Educação Física, que envolveu jovens e idosos, em dança, música, gestos e abraços. Cada idoso recebeu uma medalha com a inscrição “Eu: campeão da vida”.

Nas comemorações da Semana da Consciência Negra, a Direção convidou os idosos para assistirem as apresentações dos alunos. Um dos idosos fez uma palestra falando da importância do negro na formação da cultura brasileira, principalmente na Bahia, e da discriminação que ainda hoje os negros enfrentam em nossa sociedade.

Na busca de uma “escola cidadã” defendida por Gadotti (1994), preconiza-se a formação da cidadania ativa, integrando educação e cultura, escola e comunidade. Só dessa forma, a escola será um laboratório do mundo que a penetra. Dessa forma, a importância sobre a escolha de uma oficina que tratou a questão do idoso à luz de um modelo que conferiu a este uma perspectiva cidadã, transcendeu aspectos puramente pedagógicos. Ela envolveu questões sociais, econômicas, políticas e éticas, fazendo uma transformação na escola em relação ao modo de pensar e agir de muitas pessoas.

O envolvimento intergeracional aconteceu a contento. Durante as oficinas, era possível perceber, no comportamento dos alunos, o cui-

dado, o carinho e o respeito pela pessoa mais velha, instigados pelo discurso e postura dos mais velhos. Com muita atenção e curiosidade, os jovens escutavam o discurso revelador de outros tempos que aparecia na fala dos idosos, carregada de indagações, comentários, depoimentos pessoais. O choro de alguns idosos comovia a todos; as atividades eram sempre encerradas com os idosos cercados pelos alunos. Nessa relação, o idoso foi valorizado, justamente pela sua condição de idoso.

Na visão de Py (1999, p. 99), os idosos:

Na forma pausada de se comunicar, demonstram o conhecimento engendrado na cultura em que foram criados, onde viveram e aprenderam vivendo. Se sofreram o declínio inevitável da mecânica fluida, ditado pelo envelhecimento biológico, essas pessoas passam a orientar-se pelo processo compensatório da pragmática dos sistemas cognitivos, que se intensificam com o passar dos anos, conferindo-lhes, no vivido, o sabor do saber, agora ofertado, generosamente, às gerações mais jovens.

De certa forma, as falas dos idosos aqui apresentadas confirmam essa citação, pois enfatizam com propriedade temas como educação, saúde, trabalho, família etc. Em relação a aprendizagem conceitual, foi possível ser conferida na realização do Recital, com a parceria intergeracional.

Acredita-se que é necessário contemplar

formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, proporcionando-lhe integração às demais gerações. Os dois lados ganham.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. *Ofício de Mestre*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da União, Brasília.

\_\_\_\_\_. Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994. Estabelece a criação do Conselho Nacional do Idoso. Diário Oficial da União, Brasília.

D'ALENCAR, Raimunda Silva. Ensinar a Viver, Ensinar a Envelhecer: desafios para a educação de idosos. In: *Revista Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*. UFRES, Porto Alegre, RS. Vol. 4: 61-83, 2002.

DELORS, J. *Educação - Um Tesouro a descobrir*. 4<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2000. 288 P.

LAURA MARIA S. MAFRA LIMA

FOGAÇA, Cristina. O envelhecer sob um novo olhar. Disponível em WWW.direitoidoso.com.br (acesso em 24/01/2004).

GADOTTI, Moacir. *Escola Cidadã*. São Paulo, Cortez, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em www.ibge.gov.br

PY, L. *Testemunhas Vivas da História*. Rio de Janeiro, Nau, 1999.

Plano Municipal de Saúde de Santa Cruz da Vitória. Março de 2002.

OLIVEIRA, Paulo de S. *Vidas Compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo, Hucitec, 1999.

Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB). Santa Cruz da Vitória. Bahia. 2004.

TIANA, Alejandro. Aprender a Viver Juntos: nossos jovens estão preparados? In: BRASLAVSKY, Cecília (org.). *Aprender a viver juntos: educação para a integração na diversidade*. Brasília: UNESCO, IBE, SESI, UnB, 2002. Pp. 121 a 138.

Recebido em maio de 2008  
Aprovado em agosto de 2008